

LITERATURA COMPARADA (MESTRADO)

INSTRUÇÕES

1. Este Caderno possui uma questão discursiva. Verifique se ele está completo e sem imperfeições gráficas que impeçam a leitura. Detectado algum problema, comunique-o imediatamente à Comissão de Seleção.
2. Após sortear o código que o(a) identificará durante a 1ª etapa do processo seletivo (prova escrita), você deverá colocá-lo no espaço reservado a esse fim na parte inferior desta página.
3. A questão será avaliada considerando-se apenas o que estiver escrito no espaço reservado para o texto definitivo.
4. Escreva de modo legível, pois dúvida gerada por grafia e/ou rasura implicará redução de pontos.
5. Utilize qualquer espaço em branco deste Caderno para rascunhos e não destaque nenhuma folha.
6. Os rascunhos e as marcações que você fizer neste Caderno não serão considerados para efeito de avaliação.
7. A versão definitiva da resposta deverá ser redigida de caneta esferográfica azul ou preta.
8. Você dispõe de, no máximo, quatro horas para desenvolver a questão desta prova.
9. Antes de se retirar definitivamente da sala, devolva à Comissão de Seleção este Caderno de provas e todas as folhas utilizadas como rascunho.

Código sorteado pelo(a) candidato(a) para sua identificação: _____

Questão única – Elabore uma análise literária sobre um dos textos abaixo, de modo a promover articulações com as orientações teóricas do livro indicado pela linha de pesquisa a qual você está se submetendo.

Texto 1

A ANÃ PRÉ-FABRICADA E SEU PAI, O AMBICIOSO MARRETADOR

(Ignácio de Loyola Brandão)

Era uma vez uma anã pré-fabricada. Tinha cinquenta centímetros de altura. Os pais eram pessoas normais. A anã era anã porque desde pequena o pai batia com a marreta na cabeça dela. Ele batia, e dizia: “Diminua, filhinha”. O sonho do pai era ter uma filha que trabalhasse no circo. E se ele conseguisse uma anã, o circo aceitaria.

Assim, a menina não cresceu. Tinha as pernas tortas, a cabeça plana como mesa, os olhos esbugalhados: um globo, com as marretadas, chegara a sair. E deste modo o olha andava dependurado pelos nervos. Com o olho caído, a menina enxergava o chão – e enxergava bem. Por isso, nunca deu topadas.

A menina diminuiu, entrou para a escola, se diplomou. E o pai, esperando que o circo viesse para a cidade. A anã teve poucos namorados em sua vida. Os moços da cidade não gostavam de sua cabeça plana como mesa. Um dos namorados foi um mudo; o outro, um cego.

Com o passar do tempo, o pai ia ensinando à filha anã os truques do circo: andar na corda bamba, aturar facas, equilibrar pratos na ponta de varas, equilibrar bolas, andar sobre roletes, fazer exercícios na barra, pular através de um arco de fogo, cair ao chão (fazendo graça) sem se machucar, ficar de pé no dorso de cavalos.

De vez em quando, o pai emprestava a filha ao padre, por causa da quermesse. Ela substituíria o coelho nos jogos de sorteio. Havia uma porção de casinhas dispostas em círculo. Cada casinha tinha um número. A um sinal do quermesseiro, a menina corria e entrava na casinha. Quem tivesse aquele número ganhava a prenda. A anã não gostava de quermesse porque se cansava muito e também porque no dia seguinte ficava triste, com o pessoal que tinha perdido. Eles a seguiam pela rua, gritando: “Aí, baixinha..., por que não entrou no meu número?”

Um dia, o circo chegou à cidade, com lona colorida, um elefante inteirinho rosa, uma onça pintada, palhaços, cartazes e uma trapezista gorda que vivia caindo na rede. O pai mandou fazer para a anã um vestido de cetim vermelho, com cinto verde. Comprou um sapato preto e meias três-quartos. Levou a filha ao circo. Ela mostrou tudo que sabia, mas o diretor disse que faziam aquilo: andavam no arame, na corda bamba, equilibravam coisas, pulavam através de arcos de fogo, andavam no dorso de cavalos. Só havia uma vaga, mas esta ele não queria dar para a menina, porque estava achando a anã muito bonitinha. Mas o pai insistiu e

a anã também. Ela estava cansada da vida da cidadezinha, onde o povo só via televisão o tempo inteiro. E o dono do circo disse que o lugar era dela: a anã seria comida pelo leão, porque andava uma falta de carne tremenda. E, assim, no dia seguinte, às seis horas, a menina tomou banho, passou perfume Royal Briar, jantou, colocou seu vestido vermelho, de cinto verde, uma rosa na cabeça e partiu contente para o emprego.”

(BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Melhores contos*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006, p. 175-176)

Texto 2

CANÇÃO

(Cecília Meireles)

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
depois abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.

(MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1977, p. 88.)

Obs.: A questão deverá ser respondida em no mínimo 2 e no máximo 4 laudas.